



TOMO XXIII — No. 3

Março de 1982

BLUMENAU

em CADERNOS

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIII

Março de 1982

Nº 3

SUMÁRIO

Página

SUBSÍDIOS A CRÔNICA DE BLUMENAU	66
HOMENAGEM AO FUNDADOR	69
"MUSIKVEREIN LYRA"	74
1822: SANTA CATARINA NA INDEPENDÊNCIA	78
PORTOS DE CANOAS	81
EDITH GAERTNER	82
HISTÓRICO DAS CONSTRUÇÕES EM ENXAIMEL	84
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	86
ACONTECEU... — Janeiro e Fevereiro de 1982	91
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	94
O ARQUIVO HISTÓRICO DE BLUMENAU FOI ENRIQUECIDO ..	95

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 500,00

Número avulso Cr\$ 50,00 -- Atrasado Cr\$ 80,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 500,00 mais o porte Cr\$ 500,00 total Cr\$ 1.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — "Blumenau em Cadernos" completa, em novembro deste ano, 25 anos de circulação, cuja primeira edição ocorreu em novembro de 1957. Eis porque a partir do próximo número, a capa traz a foto do seu fundador, **Prof. José Ferreira da Silva**, numa homenagem ao saudoso historiador. (O clichê foi confeccionado e gentilmente oferecido pela CLICHERIA BLUMENAU LTDA., localizada à rua Alwin Schrader nº 100).

Subsídios à Crônica de Blumenau

Por Frederico Kilian

Extraído do jornal "Der Urwaldsbote"

Der Urwaldsbote n^o 93, de 19.5.1909. — VAPOR "RICHARD PAUL" (o primeiro). Com referência ao vapor "Richard Paul" que se achava em viagem para o Brasil e naufragou na costa da França, o jornal obteve as seguintes informações: — Dia 5 de março o vapor zarpou do porto de Dartmouth no sul da Inglaterra e, devido ao mau tempo teve que abrigar-se no dia 11 no porto de Brest (França). Dia 2 de abril zarpou do porto de Brest, mas já no dia 3 o Comandante se viu obrigado a entrar no porto de Concarneau. Deixou este porto no dia 5 de abril com um piloto a bordo. Após oito horas de viagem, pelas dez horas da noite, sentiram um forte choque e logo depois a água invadiu os porões do vapor. Como o vapor começou a afundar, o comandante, marujos, tripulantes e o piloto tomaram os barcos salva-vidas, pondo a salvo os documentos de bordo e pertences pessoais e logo a seguir o vapor desapareceu ao fundo do mar. Só na manhã seguinte chegaram ao porto de Lorient. Neste porto o comandante e tripulação foram interrogados pelo tribunal marítimo e ao depoimento foi lavrada uma ata, da qual uma copia foi enviada ao dono do vapor, Sr. Richard Paul, em Blumenau.

Urw. N^o 98 de 5-6-909. FESTA DE ATIRADORES. No 2^o e 3^o dias do Espírito Santo (31 de maio e 1^o de junho) a Sociedade de Atiradores de Blumenau festejou sua tradicional festa de tiro ao alvo e proclamação dos reis. Neste ano o desfile dos atiradores e acompanhantes ao local da disputa teve um brilhantismo especial, com a participação dos oficiais do 55^o B.C. e da Banda de Música do Batalhão. O desfile iniciou-se, como de praxe no início da rua das palmeiras (R. Duque de Caxias) enveredando para a Rua dos Atiradores (R. Alvin Schrader) até à sede da Sociedade dos Atiradores. No concurso de tiro ao alvo, conquistou o título de rei, com um tiro de mestre, o Sr. Ricardo Schaeffer, enquanto que o 1^o e 2^o cavaleiros foram proclamados os senhores Hans Lorenz e Carl Rothbarth Sênior, respectivamente. Ao meio dia foi servido um banquete, no qual tomaram parte, como convidados especiais o comandante do 55^o B.C. e sua oficialidade, tendo sido proferido vários discursos num ambiente que demonstrou a boa harmonia reinante entre a população e os militares. À tarde continuou a disputa, desta vez com o tiro ao pássaro e por prêmios ao alvo, enquanto que no pátio se desenvolvia grande festa popular com várias atrações, entre as quais carrosséis e, como surpresa e novidade, um balão, imitando em miniatura, o dirigível Zeppelin, o qual foi muito ocupado pelas crianças e até por adultos, principalmente a mocidade e jovens.

Também a cancha de bolão estava muito movimentada e em várias mesas nas dependências do salão se reuniram os diferentes grupos de homens, mais idosos, para o seu costumeiro "Skat" que sempre foi, desde a primeira festa de tiro o seu passatempo predileto. A festa continuou ainda durante toda a terça-feira no stand de tiro com a disputa pelo título de Rei do Pássaro e no pátio com as atrações e divertimentos como no dia anterior. Na disputa do título de Rei do Pássaro, o último pedaço do duro tronco de canela foi derrubado pelo senhor engenheiro Odebrecht, saudando então com palmas e vivas e proclamado Rei do Pássaro, o que lhe custou várias dúzias de cerveja, como era de costume nessas ocasiões. À noite realizou-se animado baile social que durou, na melhor da harmonia, até a amanhecer da quarta-feira.

Urw. N° 100 de 12-6-909 — CARESTIA. O jornal reclama devido a elevação do preço dos gêneros de primeira necessidade, publicando os seguintes preços dos diversos gêneros: 1 saco de batatas: 8-9\$000 réis; 1 saco de feijão preto: 15-16\$000 réis; 1 dúzia de ovos: 1\$000 réis; 1 quilo de carne bovina: 500 réis (Nota: pelo preço de uma dúzia de ovos, podia-se comprar dois quilos de carne); uma garrafa de leite: 160 réis; 1 quilo de banha: 900 réis; 1 quilo de manteiga: 3\$000 réis.

Excertos do Jornal "DER URWALDSBOTE" Edição em língua portuguesa.

Domingo, dia 5 de Setembro de 1909, aparece em Blumenau o primeiro número do Jornal "DER URWALDSBOTE", redigido totalmente, afora o seu título, em linha portuguesa. "BLUMENAU EM CADERNOS" achando ser este evento um fato importante na vida cultural de Blumenau e digno de figurar na "Crônica de Blumenau" que, esperamos, algum dia alguém a escreverá, transcreve a seguir o que o jornal publica em seu primeiro número à guisa de apresentação: "AO LEITOR.

Há 17 anos que o "Urwaldsbote" aparece em língua alemã. De hoje em diante, aparecerá também em língua portuguesa.

Supomos não ser inútil aqui um jornal que, em língua vernácula, dá golpe de vista sobre a vida e os sentimentos da população teuto-brasileira, que prevalece neste município, o maior do Estado de Santa Catarina.

Por falta de conhecimentos da língua alemã os nossos patriotas luso-brasileiros mostram-se às vezes mal informados a respeito do que se passa em Blumenau ou nos outros centros coloniais em que se conservam a língua e os costumes dos seus fundadores. Encontrou-se em jornal e revista brasileiras opiniões menos exatas e críticas menos justas, de maneira que o "Urwaldsbote", mais uma vez, viu-se forçado a publicar artigos em português afim de destruir desinteligências ou más interpretações.

Esperamos, pois, contribuir à boa harmonia entre o elemento nato e imigrado, publicando no nosso jornal, o mais divulgado dos

jornais teuto-brasileiros deste Estado, uma edição portugueza que sairá bisemanalmente. Transcreveremos de uma a outra edição artigos e notícias que julgamos interessantes, sem ser o conteúdo de ambas as edições em todos os casos idêntico.

O nosso programa não é restrito à contemplação de coisas locais ou do nosso Estado, trataremos, pelo contrário, de tudo que se passa no nosso globo, principalmente no Brasil e na Alemanha, nossa nova e antiga pátria, persuadidos de que está no interesse de ambos os países manter boas relações com outro. Parece-nos útil contribuir para que seja mais conhecida, no Brasil, a Alemanha cuja vida social e política se vê com preferência pelos óculos dos franceses que, de modo algum, são imparciais e capazes de produzir justos conceitos sobre os seus inveterados inimigos. Na Alemanha não só está o maior Estado Militar do mundo, mas também um Estado de grande cultura, o que soem esquecer os que estão hipnotizados pela cultura francesa.

É, pois, o nosso intento contribuir por esta edição, quando estiver ao alcance dos nossos esforços, para melhor entenderem-se o elemento luso e teuto que dependem um do outro em esfera determinada. Trataremos com franquesa mas com lealdade dos assuntos do Brasil, quer seja nos terrenos político, social ou econômico, sempre conscientes de que somos cidadãos do país que nos fornece os meios de subsistência.

Os teuto-brasileiros respeitam as leis do país que adotaram como nova pátria, esforçando-se a trabalhar a favor do progresso dele. Procuram aprender a língua vernácula, cujo conhecimento lhes facultaria participar da vida política e progredir na vida econômica, existindo até alguns que sabem apreciar as belezas literárias da língua sonora de Camões. Conservando, porém, a língua e as tradições dos seus pais de modo algum pecam contra os seus deveres de cidadãos brasileiros, nem permitem qualquer dúvida em sua lealdade. Reclama — em todo caso serem considerados cidadãos munidos de todos os direitos e não cidadãos de classe inferior, como alguns nativistas costumam considerar os descendentes daqueles que imigraram 100 ou 200 anos mais tarde do que os seus próprios antecessores.

Grato nos seria que a nossa modesta folha encontrasse boa aceitação nos círculos dos nossos patrícios luso-brasileiros, com cuja indulgência devemos contar; pois não ignoramos que são insuficientes os nossos conhecimentos da língua portugueza que, naturalmente, não manejamos com a vernaculidade e elegância de quem bebeu o conhecimento dela com o leite materno. Quanto ao conteúdo esperamos poder oferecer, de vez em quando, alguma coisa interessante aos nossos leitores, visto que dispomos de correspondentes no Rio de Janeiro bem como em Berlim, os centros mais importantes da política interior e exterior.

Aceitamos, com muito prazer, colaboradores que nos quizerem honrar com suas contribuições."

Homenagem ao fundador de "Blumenau em Cadernos"

A partir deste número, estamos homenageando o saudoso Prof. José Ferreira da Silva, fundador de "Blumenau em Cadernos", no ano em que a revista está registrando jubileu de prata de ininterrupta circulação. A homenagem prende-se à capa em que estampamos a foto do notável polígrafo, assim como a publicação de trabalhos seus, alguns inéditos e alguns já publicados na imprensa blumenauense no idos de 1970 a 1973. Por isso que, na presente edição, estamos abrindo esta série de publicações, com um pormenorizado trabalho de pesquisa em torno da primitiva imagem de Nossa Senhora da Conceição que, durante muitos anos, foi alvo do respeito e veneração dos católicos que povoaram a região de Belchior.

Uma relíquia esquecida

José Ferreira da Silva.

O território próximo à foz do Ribeirão Belchior e todo o Vale desse pequeno curso d'água, foi escolhido para ser sede de um dos arraiais pela lei nº 11 de 5 de maio de 1835, que instituiu duas colônias no Itajaí, uma no Açú e outra no Mirim. A primeira destas colônias começou logo a progredir, graças à excelência das terras e aos esforços e providências de Agostinho Alves Ramos, então deputado provincial e os homens de maior prestígio político de toda região. Para o arraial de Belchior, Agostinho Ramos encaminhou várias famílias de colonos nacionais, oriundos do Desterro e de colonos alemães que, desgostosos com as terras produtivas de São Pedro de Alcântara, deixaram-se tentar facilmente pelas perspectivas e promessas de Alves Ramos. A sede dessa Colônia foi demarcada e dividida em lotes urbanos denominando-se Arraial de Belchior. Essas foram providências para a colonização do Vale do Itajaí que até fazia na sua primitiva agrestia, salvo algumas clareiras com moradores pelas margens do Açú e do Mirim, próximas à foz do primeiro no Oceano. Os indígenas porém, não davam sossego a estes colonos. Em Camboriú levaram assalto violento a moradores da região. Os de Pocinho e Belchior, assustados e temendo que até ali, os bugres levassem as desforras sangrentas contra os brancos que lhes invadiam as terras, desfalcavam-nas da caça de que viviam, foram aos poucos abandonando as Colônias, retirando-se para as proximidades do litoral, onde as terras eram as mais pobres, mas em compensação, maior segurança. Em 1837, somente seis famílias de alemães e duas de brasileiros permaneceram

no lugar. Alves Ramos conseguiu, então fazer estacionar em Belchior uma companhia de Pedestres, o que deu novo alento aos colonos e encorajou outros a adquirirem lotes na região.

Ora estes colonos de Belchior eram quase todos católicos e com família numerosa e se ressentiam da falta de um padre que lhes ministrasse os socorros da religião, pelo menos de longe em longe. O padre Carlos, de Joinville, arriscou, uma vez, subir o Itajaí e chegar até os desamparados colonos. Aconselhou-os a construir uma capela, prometendo-lhes que sempre que pudesse, viria vê-los. Entrementes, novas áreas de terras iam sendo ocupadas, abaixo e acima do ribeirão Gaspar, de um lado e do outro lado do Itajaí, onde sediavam-se novos colonos de São Pedro, que, em poucos meses, viam prosperar os seus esforços transformados em postos, rosas, gado, aves, engenhos de cana e de milho.

Em 1850, quando o Dr. Blumenau fundou a sua Colônia, Belchior já tinha um população de umas 350 almas, espalhadas pelos arredores da sede do arraial. Antes disso, alguns colonos resolveram seguir os conselhos do Padre Carlos e levantar uma Capelinha, onde se reunissem nos domingos, ou pelo menos, nos dias das grandes festas religiosas, para fazerem as suas preces e ouvir alguns trechos de leitura Bíblica. Entre esses colonos havia os Deschamps, os Wagner, os Zimmermann, os Theis, os Schneider, os Müller e outros. Entre esses, estava um certo Frederico Guilherme Schramm que viera em 1848 e que, por aqui deixou larga descendência tornando-se tronco de numerosa família. Católico convicto, Schramm tratou logo de por mãos a obra e de levantar a capela pela qual tanto se esperava. Os tempos não eram os de hoje quando tudo se faz com facilidade. Mas pedindo uma ferramenta aqui, alguns dias de trabalho ali, algumas tábuas acolá, em pouco tempo, com a ajuda de Deschamps e dos demais colonos, a capelinha estava pronta. Ficava numa elevação à margem do Itajaí-Açu, quase defronte a grande figueira, próxima à antiga parada desse nome, da erradicada Estrada de Ferro S. Catarina. Mas, do lado de lá do rio, onde ficara o arraial de Belchior e onde então ainda, morava a maioria dos colonos alemães.

E Schramm e Deschamps residiam do lado de cá, pelas imediações do atual Bela Vista Country-Clube. Mas, isso não lhes foi entrave à realização de um anseio que não era só deles, mas de toda a pequena comunidade. Esta continuava lutando com toda sorte de adversidades.

Terminada a capela, construída a fachada principal de madeira e as laterais de palmitos, coberta de palha de gamiova, abundante nas florestas vizinhas, Schramm ali fez colocar uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, esculpida em madeira. É crença antiga que essa imagem fora trazida por Schramm da Alemanha o que, entretanto é de se duvidar, não só pela imperfeição da escultura, como pelas dificuldades que o transporte de uma estatueta daquele porte deveria causar à bagagem do imigrante.

Acreditamos, antes, que seja essa imagem, obra de algum san- teiro de Itajaí, ou Porto Belo que, já naquela época, eram povoados com algum desenvolvimento. A imagem ainda existe em casa de des- sendentes dos Schramm, em Belchior, onde fomos ve-la e fotografá- la. Há muitos anos atrás, o Frei Ernesto Emmendoerfer mostrou-nos um relato escrito, do próprio punho de Schramm, guardado no Ar- quivo do Colégio Santo Antonio, em que esse colono contava a histó- ria da construção da capela e, se não me falha a memória, a procedên- cia da imagem. Quando mais tarde, pretendia copiar o documento, não foi possível localizá-lo, de sorte que esse detalhe tem de ficar para ser esclarecido em outra oportunidade. Essa imagem que os farejado- res de antiguidades já andaram rodeando para negócio e insistindo em comprar, é uma reliquia histórica preciosíssima, pois além de ser a primeira imagem de santo, venerada nesta região, testemunha das dificuldades, dos sofrimentos, das angústias, das dores e das alegrias dos primeiros colonos blumenauenses e gasparenses, constituiu-se no marco inicial do extraordinário desenvolvimento que teve e vai con- tinuando a ter a religião no Vale do Itajaí. Conta-se que o local da ca- pela com a imagem da Virgem, era parada forçada de todas as embar- cações que subiam e desciam o Itajaí-Açu nas suas viagens de Itajaí a Blumenau e vice-versa. Era o "Porto da Igrejinha", onde todo barquei- ro, ou canoieiro católico sentia-se no dever de parar e pedir a Mãe de Deus felicidade na viagem começada ou dar-lhe graças pelo feliz retor- no ao aconchego do lar. Ali naquela igrejinha tosca, modesta, nas vir- das periódicas de um padre, iam os primeiros colonos católicos de Blu- menau cumprir seus deveres religiosos. Iam da sede, do Alto Garcia e de um ou outro ponto da zona já habitada, à pé, em horas e horas de marcha por estreitas e perigosas picadas. Em 1860, o Padre Alberto Gattone veio morar em Belchior. Durante mais de um lustro (5 anos) ele pastoreou, dali, os católicos, moradores das margens do Itajaí. Ins- tado pelo próprio Frederico Schramm, o Dr. Blumenau doou uma área de terras entre os dois ribeirões Gaspar, um pouco abaixo do Arraial Belchior, para ali se construir uma igreja, no centro dos terrenos que mandara medir para formar uma povoação. O padre Gattone, que mo- rava com a família Deschamps, passou a se interessar pela ereção de uma freguesia em Gaspar, onde, em 1867, foi construída a primeira ca- pela dedicada ao Apóstolo S. Pedro. A freguesia veio antes, em 1861, ne- la lei 509, assinada pelo Presidente Araujo Brusque da paróquia que o Padre Gattone instalou e dirigiu por algum tempo.

Foram esses os começos da atual cidade de Gaspar. E, enquanto esta ia se desenvolvendo e a Colônia Blumenau ia tomando de ano pa- ra ano, novo impulso, o antigo Arraial de Belchior ia diminuindo de importância, os seus colonos procurando melhores recursos nos cen- tros mais povoados, onde a vida lhes fosse mais fácil e onde, auxiliando nos trabalhos de abertura de caminhos, na construção de pontes e outras obras públicas, pudesse ganhar algum dinheiro, coisa difícil na- quele tempo, onde as transações comerciais dos colonos eram quase

sempre feitas na base da troca dos produtos da lavoura pelos manufaturados. A "santinha" de Belchior, a mesma introduzida naquele longínquo 1850, ainda ali está, guardada por uma família de gente boa e fiel à sua crença, esperando talvez, que alguém se lembre de reconstruir, a beira do pitoresco Itajaí, o seu tronco de tábua e palmitos no mesmo local do "Porto da Igrejinha" onde continuaria a instilar esperança no coração dos que partissem e receber agradecimentos dos que voltassem felizes de longas e perigosas jornadas. Valeria a pena tentar. Quando mais não fosse, pelo menos como outra nova atração turística para deslumbramento dos passageiros do "Blumenau II" que, certamente, fariam questão de uma parada de alguns minutos no "Porto de Igrejinha".

N. da R. — O Dr. Luiz Bussi, atual presidente da Comunidade Católica do Bairro Bela Vista, no município de Gaspar, recebeu, há questão de um ano atrás, por doação, a imagem de uma santa que ele diz ser a de Nossa Senhora da Conceição, que teria pertencido à antiga capelinha construída às margens do Itajaí-Açu, proximidades de Belchior. Está aí concretizada a informação de Ferreira da Silva, no trabalho de pesquisa que ora publicamos. Não restam dúvidas de que esta é a mesma imagem. Ela acha-se na nova igreja que está em vias de conclusão naquele bairro gasparense.

Presidente Carstens, da R. F. A., aconselhado a visitar Blumenau

O prefeito Dr. Renato de Mello Vianna recebeu uma carta do seu colega Rolf Gerich, prefeito da cidade alemã de Weingarten — com a qual Blumenau mantém um "parcerismo de bandeiras" — juntando uma carta do parlamentar Eugen Maucher, da cidade de Biberach/Riss — e dirigida ao Professor Dr. Karl Carstens, presidente da República Federal da Alemanha, aconselhando o presidente alemão a visitar a cidade de Blumenau, por ocasião de sua viagem oficial ao Brasil.

Eis o teor das duas cartas:

Tradução: Alfredo Wilhelm (correspondente em idioma alemão da Prefeitura Municipal).

"Weingarten, 16.2.1982.

Exmo. Snr. Prefeito
Dr. Renato de Mello Vianna
Blumenau - SC / Brasil
Prezado colega Dr. Renato
Caro Amigo:

É o meu desejo e assim espero, que o senhor — neste início do ano novo — já conseguiu resultados positivos em seu trabalho para o

bem de sua cidade. — A situação financeira do nosso governo, bem como dos nossos municípios, não se acha muito favorável. Somos porém satisfeitos com respeito a nossa cidade — conseguindo bastante progresso — o que aliás desejo também para a sua cidade.

Junto a esta a cópia duma carta dirigida ao presidente da nossa República Federal da Alemanha — Professor Dr. Karl Carstens.

O senhor pode constatar nesta carta, que o irmão do vereador Maucher — que juntamente com o professor Suessegger esteve no ano passado em Blumenau — aconselhou o nosso presidente a visitar também a sua cidade de Blumenau, por ocasião de sua prevista visita ao Brasil. Ele está convencido, que o senhor e o povo de Blumenau, estariam interessados e contentes com esta visita. Sendo assim, seria aconselhável o senhor dirigir um convite oficial ao nosso presidente.

Com muitas lembranças e os meus melhores votos para o senhor e sua distinta família e seu trabalho para com sua cidade e seu povo.

Rolf Gerich
Prefeito”.

“Biberach/Riss — 15.2.1982

Presidente

Prof. Dr. Karl Carstens (Villa Hammerschmid)

5300 Bonn

Senhor Presidente:

Ebaseado numa atividade de muitos anos no “Deutscher Bundestag” (Parlamento Federal da Alemanha) recebi com agrado a notícia de sua viagem ao Brasil, permitindo-me fazer uma sugestão com referência a esta viagem:

Meu irmão, vereador da cidade de Weingarten, devido a uma viagem a Blumenau, no Estado de Santa Catarina — Brasil, pôde constatar o alto grau de estima com que é visto nessa cidade o atual presidente da República Federal da Alemanha. Blumenau — que foi fundada há 130 anos pelo alemão Dr. Blumenau — é considerada no Brasil como “cidade modelo”.

Uma visita do presidente da República Federal da Alemanha despertaria nessa cidade entusiasmo e um grande sentimento de gratidão.

A cidade de Weingarten mantém com a cidade de Blumenau um “parcerismo de bandeiras”.

Desejo-lhe muito sucesso na viagem ao Brasil, e, como seu eleitor para Presidente da República, o meu alto respeito pelo desempenho patriótico do seu elevado cargo.

Com lealdade, alta estima e consideração,

Eugen Maucher

7950 Biberach/Riss

Zollerweg 1.

N.B.: Será que o desejo de sua distinta esposa de visitar a “Festa dos Atiradores” de Biberach, consta ainda de sua agenda?”.

“Musikverein Lyra”

Elly Herkenhoff

A 4 de setembro de 1899 — em pleno fim-de-século, portanto — mais uma associação musical nascia aqui, na Joinville de nossos avós, na Joinville das muitas agremiações culturais, algumas já então de considerável tradição, atuantes desde os primórdios da modestíssima colônia Dona Francisca.

A música sempre esteve presente, em cada momento de vivência da Comunidade. Ao lado dos vários corais que iam surgindo — a princípio na “Cidade” e mais tarde também no interior do Município — foram se agrupando os músicos ou em bandas de música, até certo ponto profissionalizadas e de presença obrigatória em quaisquer festas, solenidades e comemorações, ou então em orquestras de amadores, com a finalidade primordial de cultivar a boa música e transmiti-la, não apenas aos associados, mas também ao grande público de Joinville e até mesmo de outras localidades do Estado e do País.

Assim atuavam, nos últimos decênios do século, vários conjuntos musicais, apresentando-se cada “Musik-Kapelle” (banda de música) com o nome de seu respectivo fundador ou regente, como a “Kapelle Rosenstock”, mais tarde transformada em “Musikverein zu Joinville” (Sociedade Musical de Joinville) sob a regência do maestro Rudolf Kohlbach. E existiam também as bandas Hille, Krause, Finder, Frosch, Sauer, Binder, além da “Turnerkapelle” (Banda dos Ginastas) fundada em 1870, assim como existia a “Banda Musical 28 de Setembro”, por sua vez formada quase exclusivamente por homens de cor, e a partir de agosto daquele ano de 1899 atuava também a banda da “Sociedade Musical Guarany” fundada, por Mário Lobo, Júlio Barreto e outros cidadãos de Joinville.

Entre as agremiações de músicos amadores destacava-se o “Streichquartett” (Quarteto de Cordas) também chamado “Dilettantenverein” (Sociedade de Dilatantes), fundado a 16 de junho de 1876 regido pelo maestro Julius Schubert. E, segundo reza a tradição, a nova sociedade, fundada a 4 de setembro de 1899, com o nome de “Musikverein Lyra” (Sociedade Musical Lyra), teria surgido da fusão do “Streichquartett” e “Musikverein zu Joinville”. No entanto anúncios diversos publicados em anos posteriores no “Kolonie-Zeitung”, (Jornal da Colônia), evidenciam a coexistência das duas sociedades — Musikverein Lyra e “Musikverein zu Joinville” — ainda durante alguns anos, até que a última parece ter encerrado as suas atividades para ressurgir a 18 de janeiro de 1908, sob a denominação de “Neuer Deutscher Musikverein” (Nova Sociedade Musical Alemã). É de se crer, portanto, que de início tenha existido duas agremiações com nomes semelhantes, uma denominada Musikverein zu Joinville e a outra “Deutscher Musikverein zu Joinville” — ou então talvez a

“Lyra” tenha surgido da fusão do “Streichquartett” com uma parte apenas dos componentes mas não com a sociedade “Musikverein zu Joinville” em si. O certo é que o maestro Julius Schubert de partida para Florianópolis, em agosto daquele mesmo ano de 1899 se despedia de seus amigos pelo “Kolonie-Zeitung”, o que nos leva a concluir que a mudança do maestro, se não foi o motivo decisivo, pelo menos contribuiu para o reagrupamento dos músicos em nova sociedade, sob o nome de “Musikverein Lyra”, da qual foram fundadores os seguintes cidadãos:

Adolfo Eisendecker, Albin Kohlbach, Alexandre Schlemm, Afonso Lepper, Emílio Stock Sen, Emílio Schwchow, Guilherme Rosenstock, Gustav Emmerlich Hugo Deltsch, Henrique Jordan, Jorge B. Trinks, Jorge Parucker, Louis Niemeyer, Mathias Herkenhoff, Max Friedrich, Otto Boehm, Paulo Schlemm, Rudolf Kohlbach, Rudolf Baumer e Teodoro Lauer.

Já a 23 de outubro realizou-se o primeiro concerto, sob a regência do maestro e compositor Rudolf Kohlbach e com a participação de 17 músicos, que foram os seguintes:

Louis Niemeyer, Otto Boehm Julius Schubert, Henrique Jordan (violinos); Jorge B. Trinks, Emílio Schwchow (violoncelos); Eduardo Trinks (contrabaixo); Guilherme Rosenstock (clarineta); Franz Kohlbach (bateria); Afonso Lepper, Jorge Parucker (flautas); Adolfo Eisendecker, Gustav Emmerlich (trombones); Albin Kohlbach, Adolfo Trinks (pistons); Mathias Herkenhoff, Rudolf Baumer (bombardinos).

A primeira diretoria eleita era constituída dos sócios fundadores: Louis Niemeyer, presidente; Albin Kohlbach, secretário; Jorge Parucker, tesoureiro, Rudolf Kohlbach, regente.

É interessante notar que a grande maioria dos sócios acima relacionados fundadores ou participantes do concerto de estréia, pertencia a primeiríssima geração de joinvillenses natos, filhos de imigrantes da primeira década de colonização.

Assim, o comerciante Alexandre Schlemm e seu irmão, o industrial Paulo Schlemm, eram filhos de Henrich Friedrich Schlenn, imigrado em 1852. — Rudolfo Baumer, filho de Isaak Baumer, imigrado em 1853. — Os três irmãos Trinks: Jorge, comerciante, Eduardo comerciante e Adolfo, Industrial, filhos de Eduard Trinks, imigrado em 1853. Teodoro Lauer, professor, filho de Otto Lauer imigrado em 1853, Jorge Parucker, contabilista, filho de Karl Julius Parucker, imigrado em 1854, Henrique Jordan, comerciante, sócio da firma Jordan Gerken & Cia., filho de Joham Friedrich M. Jordan, imigrado em 1854. Afonso Lepper, comerciante, filho de Hermann August Lepper, imigrado em 1854. Guilherme Rosenstock fundador da “Kapelle Rosenstock”, filho de Heinrich Rosenstock, imigrando em 1854. — Emílio Stock Sen., comerciante e industrial, filho de August Stock imigrado em 1855. Hugo Delitsch, farmacêutico proprietário da primeira farmácia de Joinville, fundada por seu pai, Hugo Delitsch, imigrado em 1857.

Adolfo Eisendecker, filho de Amtmann Eisendecker, que deve ter imigrado a mesma época, já que foi um dos fundadores da "Harmonie-Gesellschaft" (Sociedade Harmonia), fundada em 1858. — Otto Boehm, proprietário do "Kolonie-Zeitung", filho de Carl Wilhelm Boehm, imigrado em 1858. — Emilio Schwochow, estabelecido com fábrica de meias, filho de Daniel Schwochow, imigrado igualmente nos primeiros anos da Colônia. — O comerciante Louis Niemeyer, filho de Johann O. Louis Niemeyer, que em 1860 assumiu a direção da Colônia Dona Francisca.

E — fato bastante curioso — os sócios fundadores não nascidos no Brasil, por sua vez imigraram todos na década de oitenta, com diferença de poucos anos, uns dos outros. Assim imigrou por volta de 1883, Max Friedrich, estabelecido com fábrica de meias. Em 1885 imigraram os três Kohlbach — Franz, o pai e os filhos Rudolf e Albin, todos os três técnicos em instrumentos de música, estabelecidos com fábrica de acordeão e aristas, dos quais existe um exemplar no Museu de imigração e Colonização de Joinville. Gustav Emmerlich marceneiro de profissão, veio no mesmo ano ou em 1886. Mathias Herkenhoff, estabelecido com manufatura de charutos, imigrou em 1886. Quanto ao maestro Julius Schubert, que não figura na relação dos fundadores, mas participou do primeiro concerto, é difícil sabermos qual a época de sua vinda ao Brasil. Conforme se deduz de anúncios no "Kolonie-Zeitung", foi ele também regente dos corais "Liederkränzchen" (Grinaldinha de Cancões) e "Fidelitas", e há indícios de ter ele regido a orquestra do "Streichquartett" já em 1877, por ocasião de um concerto do Quarteto e do "Sängerbund" (Liga de Cantores), em benefício dos flagelados da seca na então província do Ceará, a 4 de novembro daquele ano de 1877, e neste caso ele teria imigrado, talvez, na década de setenta.

Após dez anos de serviços prestados à Sociedade Musical Lyra, o maestro Kohlbach — também regente dos corais "Sängerbund" e "Concordia" — se retira de Joinville, sendo substituído na regência da orquestra pelo professor H. Rück, que exerce o cargo durante vários anos, possivelmente até pouco tempo antes de sua morte, ocorrida em fins de 1920. Assume a regência o maestro Wilhelm Peter, substituído, por sua vez, pelo maestro Paulino Martins, regente da banda do 13º Batalhão de Caçadores estacionado em Joinville.

Aj 28 de dezembro de 1921, um fato dos mais relevantes vem modificar a estrutura da Sociedade. Concretiza-se a fusão da Lyra com uma das mais tradicionais agremiações de Joinville, a então já quarentenária "Harmonie-Gesellschaft", por sua vez fundada a 31 de maio de 1858, com a finalidade de promover o bom teatro amador em Joinville, e que vinha, desde o início, apresentando mensalmente espetáculos, não só aos seus associados, mas muitas vezes ao grande público, até mesmo de outras localidades.

Concretizada a fusão das duas sociedades, sob o nome de "Harmonie-Lyra", os concertos, até então mensais, passam a ser alterna-

dos com apresentações teatrais, continuando seu esquema durante os seguintes 17 anos até 1938.

A 13 de dezembro de 1930 inaugura-se a magnífica sede, construída à rua Quinze de Novembro, em terreno adquirido a 8 de novembro de 1922. É noite de gala na Harmonia-Lyra, noite de concerto sinfônico, sob a regência de dois grandes maestros — o Tenente Paulino Martins Alves, que se despede, após brilhante atuação durante dez anos, e o novo regente, o artista Pepi Prantl, recém-chegado a Joinville. É quando se inicia uma das fases mais brilhantes da Harmonia-Lyra. São concertos sinfônicos, dirigidos pelo maestro Prantl — Concertos públicos e beneficentes algumas vezes, outras restritas aos associados. São espetáculos teatrais encenados pelo casal Adolfo e Eva Trinks, os incansáveis dirigentes de toda uma geração de amadores teatrais de Joinville. São operetas, as grandes operetas imortais, como “Walzertraum” (Sonho de Valsa); por ocasião do 75º aniversário de fundação da “Harmonie - Gesellschaft”, em 1933. É a “Dreimädelhaus” (Casa das Três Meninas), é a “Schwarzwaldmädel” (Meninas da Floresta Negra) e, enfim “Die Zwillinge” (Os Gêmeos), esta de autoria do próprio maestro Pepi Prantl.

E a 17 de janeiro de 1938 o inaudito acontece em Joinville. A pequena cidade industrial assentada às margens do Cachoeira assiste, extasiada, enternecida, a estréia mundial de uma ópera genuinamente joinvillense intitulada “Yara” que tem como tema o amor de um jovem imigrante por uma indígena brasileira — a Yara. Uma ópera, aqui idealizada, musicada, realizada, pelo maestro Prantl, com libreto de Otto Adolf Nohel, e apresentada no palco da Harmonia Lyra com intérpretes quase todos amadores, pertencentes à sociedade local, bailarinos da Escola de Bailados da Harmonia Lyra, corais das associações de canto “Sängerbund — Concordia” e “Helvetia”, então aqui existentes, a orquestra composta de músicos da Harmonia Lyra, acrescida de alguns músicos da banda do 13º Batalhão de Caçadores e alguns membros da Orquestra Sinfônica de Curitiba.

A 17 de abril de 1937 o maestro se despede de Joinville, com um grande concerto sinfônico, apresentando 17 músicas, todas de sua autoria.

Outros regentes, todos de grande capacidade, assumem a direção, por maior ou menor espaço de tempo: são os maestros Kaczas, Otto Pfuetzenreuter, H. Seyer, Curt Briese e, mais recentemente, Leopoldo Kohlbach, sobrinho do primeiro regente Rudolf Kohlbach, e atualmente o maestro Tibor Reisner, renomado músico, também atuante em São Paulo. Vários são os concertos regidos por mestros famosos, como Francisco Mignone, Isaac Karabtchevsky, assim como grandes artistas, grandes cantores, como Bidu Sayão, já se apresentaram no palco da Sociedade.

Em 1938 — ante-vespera da II Guerra Mundial — teve início em todo o País a Campanha de Nacionalização, decretada pelo Governo Getúlio Vargas, trazendo conseqüências das mais profundas para

toda a nossa vida social, inclusive para o teatro amador — falado em alemão — que então deixou de existir. E a partir de agosto de 1942, quando o Brasil se viu envolvido no conflito que ia devastando a Europa, todas as atividades sociais sofreram sensível estagnação também em Joinville e terminada a guerra, estávamos transpondo já o limiar de uma nova era — a Era da Televisão e da conseqüente massificação.

Em 1951, por ocasião do Centenário de Joinville, a Harmonia-Lyra contribuiu para o brilho das festividades, com um grande concerto sinfônico e um soberbo espetáculo de bailado. E sete anos depois, comemorou o centenário de fundação da "Harmonie-Gesellschaft" com belíssima festa, digna de todas as festas comemorativas dos jubileus anteriores, tanto da "Harmonie Gesellschaft" como da "Musikverein Lyra".

Inúmeros foram, ao longo dos anos, os músicos participantes de nossa orquestra sinfônica da Lyra. Não apenas alemães e brasileiros das mais diversas origens, nascidos ou radicados em Joinville, mas ainda estrangeiros, homens e mulheres das mais diversas línguas oriundos de pátrias das mais distantes. Homens idealistas, de todas as profissões, de mãos calejadas, muitas vezes, velhos e moços, humildes e poderosos, empregados e patrões, transmitindo — ontem hoje e amanhã — a harmonia, a beleza e a profundidade de valores autênticos e insubstituíveis de nossa milenar civilização.

1822: Santa Catarina na Independência

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart

Entre 1661 e 1789 a colonização portuguesa ampliara sua ocupação no litoral sul, devido à necessidade de ajudar a Colônia do Sacramento. Fundada em 1680, a localização da Colônia serviria também para estabelecer ligação entre as estâncias do interior e a Província de São Paulo.

Na segunda metade do século 18, os Tratados de Madrid e de Santo Ildefonso delineararam o território brasileiro, com as riquezas do nosso solo dando sustento a Portugal.

Neste tempo, acontecia:

1. — na Inglaterra iniciava-se a Revolução Industrial;
2. — os Estados Unidos da América do Norte se tornavam o primeiro país independente da América, com suas colônias se libertando da metrópole, defendendo liberdades políticas não mais toleradas pela Inglaterra; e
3. — no Brasil e demais colônias européias na América o processo de Independência tomava forma. As etapas do processo de

transformação foram: os movimentos precursores, a autonomia e a separação total de suas metrópoles.

O processo de Independência no Brasil se manifesta em 1789 — Conjuração Mineira, e vai até 1831 — ano que D. Pedro abdica. Neste processo, a data de 7 de Setembro de 1822 — O GRITO DO IPIRANGA — é a mais significativa, marcando um importante momento na História do Brasil.

A 24 de agosto de 1820, no Porto, estourava uma revolta de militares que desejavam a adoção de uma Constituição. A Revolução do Porto, como ficou conhecida, saiu-se vitoriosa em Lisboa. Criou uma Junta Provincial do Governo Supremo do Reino, convocou as Cortes, sem o conhecimento-consentimento de D. João VI — ainda no Brasil, dando notícias que os deputados seriam portugueses e brasileiros.

Santa Catarina participou do processo, com os catarinenses realizando uma eleição sem o uso do barrete e pelouros, usual na escolha dos Juizes Ordinários da Vila, como era feito a cada três anos. A 17 de junho de 1821, convocados que foram para uma reunião na qual entre os votantes das Freguesias na Vila do Desterro seriam escolhidos os eleitores responsáveis pela eleição do deputado e mais um suplente, escolheram o Vigário das Necessidades — Pe. Lourenço Rodrigues de Andrade, para deputado e o Major José da Silva Mafra — então comandante da Fortaleza de Santa Cruz, para suplente.

A nomeação dos deputados, representantes do país (nas outras províncias também se realizariam eleições) nas Cortes de Lisboa, seguiu-se à revolução de 1821 que estourou em Portugal e ao Brasil, precisando aprovar a nova constituição de lá (que também era a de cá), não restava outra coisa senão eleger seus deputados que, eleitos, seguiriam para Lisboa. A viagem durava mais ou menos quatro meses. Tempo para novas ocorrências, com idéias surgidas já sendo esboçadas em correntes políticas que se dividiam em duas: a conservadora — que desejava manter o país como colônia, e a que desejava desligar-se de Portugal.

Em outubro de 1821 as Cortes decretaram que “em todas as províncias do Reino do Brasil, em que até o presente haviam governos independentes, se criarão Juntas Provisórias de Governo”.

Na Ilha e na Capitania de Santa Catarina, sob o domínio português, a Resolução nº 124 chegava com certo atraso, a 18 de janeiro de 1822. O Governador foi substituído por uma Junta Governativa, eleita pelo povo. Assim, em cumprimento aos decretos, foram eleitos e tomaram posse os cidadãos: Presidente, o Capitão-mor de Ordenanças, Jacinto Jorge dos Santos; Secretário, o Major José da Silva Mafra; Vogaes, o Capitão João de Bitencourt Correia Machado, o Vigário da vara, Joaquim de ant'Ana Campos e o Major de Milícias, Francisco Luis do Livramento. Isto ocorreu no dia 22 de maio de 1822.

A Resolução nº 124 vinha acompanhada das ordens de ime-

diato regresso do Príncipe Regente D. Pedro, disposição esta que agitou centros políticos, os quais desejavam sua permanência. D. Pedro, com apoio de D. Leopoldina e amigos, atendeu ao apelo que o Senado da Câmara lhe fez em nome do povo. E o dia 9 de janeiro de 1822 afirmou: "Como é para o bem de todos e felicidade da Nação, diga ao povo que fico".

"Ao Destêrro, diz O. R. Cabral (1), tão pobre de comunicações e tão à margem dos acontecimentos, a notícia só chegou... em fevereiro: as novidades da Corte, como de outras lonjuras, haviam de tomar passagem nos barcos que dali saíssem e viessem, por estes mares de Deus ao sabor de todos os ventos e de todos os empecilhos. Tanto poderiam chegar em três dias, como em trinta. E, às vezes, nem chegar..."

Como consequência do "Fico", acontece o episódio histórico do "Grito do Ipiranga", a 7 de setembro de 1822, com o Brasil reagindo de maneiras diferentes no apoio a D. Pedro:

— o norte, com o elemento portuguez dominando e reagindo às atividades de D. Pedro;

— o sul, dando apoio e solidariedade.

Mas como sempre, a notícia chegava aqui com atraso: precisamente a 7 de outubro de 1822. As autoridades da época reuniram-se na Casa das Sessões da Junta do Governo Provisório para tomarem conhecimento da notícia da Independência do Brasil. Houve regozijo entre os catarinenses. Foi testemunha na ocasião o viajante francês Primevére Lesson. Aportara no Desterro a 16 de outubro daquele ano, quatro dias após terem festejado o aniversário de D. Pedro, aclamando-o Imperador do Brasil. Eis o seu relato:

"Chegamos ao Brasil no momento em que se fazia sentir as vivas comições políticas que o agitavam; desde alguns dias somente esta vasta colonia acaba de sacudir o jugo de Portugal; e o infante Dom Pedro, que João VI tinha deixado como Vice-Rei das possessões americanas da casa de Bragança, acaba de tomar o título de Imperador das dezoito provincias reunidas, que constituem o novo Império" (2).

Como Santa Catarina auxiliaria o novo governo?

Diante do intento dos portuguezes, que por todos os modos e meios se opunham à independência do Brasil, o governo tratou de organizar uma esquadra e um exército, apelando à Nação que contribuísse.

Santa Catarina disse sim, na presença de muitos filhos seus e através de pessoas abastadas que contribuíram com vultosas somas para equipar o exército e a marinha (as finanças andavam mal, devido as agitações internas). Felizmente, não chegou a haver invasão das tropas portuguezas em Santa Catarina.

Em 1825 Portugal reconheceu a Independência de sua ex-colônia e por sua perda, conforme cláusula secreta do tratado de 28

de agosto de 1825, o governo do Brasil pagaria ao governo português, 2 milhões de libras — um alto preço por uma independência tão sonhada.

- (1) Oswaldo Rodrigues Cabral — “A Participação de Santa Catarina no Movimento da Independência do Brasil”.
Governo Colombo Machado Salles — 1972.
- (2) Aujor Ávila da Luz — “Santa Catarina na Independência”
Revista Arquivos Catarinenses de Medicina, Edição Cultural nº 2 — outubro de 1977.
História do Brasil. Coleção Sérgio Buarque de Holanda.
Cia. Editora Nacional, São Paulo — 1971.

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA - XI

Portos de canoas

S. C. Wahle

Na década dos 20s, Blumenau era separada do bairro de Ponta Aguda pelo rio Itajaí Acu. As únicas maneiras de atravessar-se o rio era pela balsa que ligava a praia da Ponta Aguda ao porto fluvial de Blumenau ou com o uso de canoas, usando-se diversos portos de canoas. Possuía Blumenau seis portos de canoas cujo acesso, desde a rua 15 de Novembro, era de domínio público.

1. Porto de canoas da E.F.S.C., que ficava nos fundos do prédio do almoxarifado da estrada de ferro;

2. Porto de canoas do Hotel Schmidt, que ficava nos fundos do então Hotel Schmidt;

3. Porto de canoas do Peter's Kanal, que era situado entre os terrenos da família Zadrozny e Emilio Baumgarten (Blumenauer Zeitung);

4. Porto de canoas da casa de São José, que ficava situado nos fundos da casa de São José;

5. Porto de canoas dos Bragas, que ficava entre os terrenos Schadrack e Braga.

6. Porto de canoas do porto fluvial.

O acesso aos portos de canoas da Rua 15 de Novembro era por um caminho que mais era um picada de domínio público. Mais tarde, com os aparecimento das pontes, estes caminhos foram simplesmente absorvidos pelo proprietários limitrofes. Aliás, não me lembro de um só caso destes caminhos terem dado problemas ou disputas.

A primeira ponte sobre o Itajaí Acu em Blumenau foi a ponte metálica acima da estação da estrada de ferro. A segunda foi abaixo da Ponta Aguda, que servia tanto para estrada de ferro, como para rodovias. E, por fim, construiu-se a ponte entre os terrenos dos Moellmann e da casa de São José. Com as obras da avenida Beira Rio, os vestígios destes portos de canoas desapareceram.

EDITH GAERTNER

um centenário a comemorar

Sueli M. V. Petry

Ao completar seu décimo ano de atividades, a Fundação "Casa Dr. Blumenau", tem razões suficientes para comemorar condignamente os eventos que estão intimamente a ela ligados.

Em 22 de março se comemorou o Centenário de nascimento da sua madrinha "Edith Gaertner". Em junho, o quinquênio da Biblioteca Ambulante que atua junto às Escolas do interior do município.



Durante o mês de agosto festeja os trinta anos de atividades da Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller. Em novembro celebra os vinte e cinco anos de edição da revista cultural "Blumenau em Cadernos", idealizada pelo pesquisador e Professor José Ferreira da Silva.

O Centenário de Nascimento de Edith Gaertner. 1882 — 1982

Toda área que abriga o atual complexo cultural da Fundação "Casa Dr. Blumenau", é fruto de doação feita por Edith Gaertner.

Filha do sobrinho do Dr. Blumenau, Victor Gaertner, um dos primeiros imigrantes que se estabeleceram em Blumenau e muito auxiliou no empreendimento de colonização. Sua mãe, Rose Gaertner, era uma mulher de dotes artísticos, incansável batalhadora foi a fundadora do teatro em Blumenau (1860).

Nascida em 22 de março de 1882, Edith foi a última dos oito filhos do casal. Sua infância foi marcada pela perda do pai quando contava apenas 6 anos. Aluna assídua, Edith frequentou a Escola Nova que era administrada pelo Pastor Hermann Faulhaber.

Aos 18 anos perdeu sua mãe, este funesto acontecimento dispersou a família, alguns membros já haviam se afastado de Blumenau. Em 1902 foi a vez de Edith ir se juntar a dois de seus irmãos na Argentina. Sua irmã Elsa também residia neste país (Rosário). Foi na Argentina que Edith veio conhecer aquela que reforçou a sua intenção de dedicar-se ao teatro, a internacionalmente conhecida artista da época, Eleonora Duse. Impressionada com o brilhantismo artístico de Eleonora, e apoiada pelos seus irmãos, Edith segue para a Alemanha matriculando-se na Escola de Arte Dramática.

Após quatro anos de estudos, passou a figurar em várias peças em Dresde e outras regiões da Alemanha. herdando os dons artísticos da mãe, Edith representou peças de renomados nomes como Goethe, Schiller, Shakespeare, Moliere e outros autores do mundo cultural do teatro.

Depois de uma permanência de vinte e cinco anos no país de Goethe, Edith retornou a Blumenau sacrificando sua carreira artística para cuidar dos seus dois irmãos Arnold e Erich que careciam dos seus cuidados.

A vida social de Blumenau não a interessava e preferiu viver das suas lembranças, das glórias do teatro. Viajou ainda duas vezes à Alemanha para rever amigos e visitar as cidades onde pisou no palco.

Suas relações de amizades em Blumenau eram restritas a determinadas e poucas famílias. Seus passatempos preferidos eram a leitura, a natureza do parque botânico com seus espécimes raros e os seus animais, preferencialmente os gatos, aos quais dedicava muito carinho. A eles reservou um espaço no parque que leva o seu nome para que os mesmos tivessem seu recanto quando morressem. Daí a origem do Cemitério de Gatos.

Na década dos anos cinqüenta, por ocasião do centenário de Blumenau, os sentimentos de amor à terra, a preocupação de preservação a fez doar a municipalidade a casa em que residia construída por seu pai em 1864, e uma área de terras que compreende hoje o Parque Botânico Edith Gaertner, Biblioteca Pública o atual Museu da Família Colonial e Arquivo Histórico. A Prefeitura por esta doação ficaria encarregada da conservação e preservação deste patrimônio.

Em 15 de setembro de 1964, aos 84 anos de idade falecia Edith Gaertner, deixando para as gerações futuras este patrimônio Histórico que representa o marco inicial da colonização alemã na região de Blumenau.

Sua sensibilidade pela História de Blumenau, o seu amor à natureza e aos animais a perpetuaram através dos tempos.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" responsável pela manutenção deste patrimônio, presta a sua homenagem póstuma a Edith Gaertner realizando uma exposição de fotografias, objetos de uso pessoal e colocação de coroa de flores no seu busto no parque botânico e cemitério Evangélico.

Histórico das construções em enxaimel

Arquiteta Silvia Odebrecht

A construção em enxaimel foi a expressão arquitetônica que predominou durante os períodos de maior fluxo da imigração alemã, tanto no interior como nas pequenas cidades, sofrendo uma gradativa redução com o decorrer do tempo, até o seu total desaparecimento durante o período da segunda guerra.

Como método construtivo, o enxaimel consiste, basicamente, na articulação de peças de madeira horizontais, verticais e inclinadas, formando um sistema rígido, preenchido com materiais de vedação.

As construções em enxaimel, que na Europa foram sofisticadas e diversificadas em seus aspectos formais e funcionais, adaptaram-se ao espaço catarinense em modelos simplificados, semelhantes nas diversas áreas de colonização alemã.

Enquanto nas áreas agrícolas do sul, as construções mantinham aspecto rústico, com cobertura em telhas canal ou de zinco, nas regiões Nordeste e do Vale do Itajaí chegaram a alcançar verdadeira expressão arquitetônica.

A implantação da casa e das outras instalações domiciliares, como estrebarias, depósitos e oficinas, era realizada de forma despreziosa, em áreas planas e, mesmo raramente, nos aclives dos terrenos, com nítida tendência ao isolamento.

As paredes externas em tijolos aparentes na cor natural, em contraste com a estrutura de madeira escurecida, os frisos brancos da argamassa e as esquadrias claras são os elementos responsáveis por uma configuração de caráter regional.

Os perfis são caracterizados por telhados pontiagudos, e de duas águas, com o lado da calha voltado sempre para a rua. Cobertos com telhas duplas, curvadas na parte inferior (conhecidas como telhas alemães, ou cauda de castor), prolongam-se até os beirais apoiados em elementos de madeira chamados cachorros.

A casa era elevada do chão através de baldramez apoiados sobre pedestais de tijolos ou pedras, possibilitando proteção contra in-

setos, cobras, umidade do solo e o apodrecimento das madeiras. Poções foram exceção.

As aberturas, colocadas normalmente de forma simétrica em relação à porta, possuem sempre as mesmas dimensões, com folhas abrindo para fora. As mais antigas são de madeira, aparecendo posteriormente aquelas com vidros de pequeno tamanho.

A porta principal recebeu destaque, tanto pela decoração como pela localização, geralmente central, as vezes complementada por pequenas esquadrias.

A forma das casas é, em seus aspectos básicos, sempre similar. Da rua se atravessa um jardim ou horta em direção à porta, na maioria das vezes protegida por uma varanda ou pequena cobertura. Os compartimentos são amplos e arejados. Na parte frontal localizam-se a sala e um dos quartos; na parte posterior, a cozinha, a copa e uma escada íngreme que leva ao piso superior.

Sob o telhado fica o sótão, utilizado como quarto dos rapazes ou depósito de produtos agrícolas.

A varanda era utilizada nos períodos de lazer, aos domingos e após o trabalho. Decorada com belíssimos gradis de madeira, protegia a casa dos excessos de sol e chuva.

A decoração interna, nas casas mais requintadas, era feita com pinturas nas paredes, cortinas claras, móveis de madeira pesada, assoalhos de tábuas largas e tetos de madeira.

Tanto nas cidades como no interior, as construções em enxaimel foram utilizadas nas mais variadas funções: casas de comércio, escolas, salões de baile, hotéis, pequenas instalações industriais e até igrejas. As que conseguiram subsistir até hoje, no entanto, estão quase sempre, descaracterizadas. Sua substituição nas cidades leva a pensar, erroneamente, terem sido construções típicas da área rural.

Ao final do século, fatores como a acumulação de capital, as transformações do processo artesanal para o mecânico, e as novas possibilidades energéticas, criaram condições para a industrialização dessas regiões. E assim, em substituição às casas em enxaimel, surgem, em áreas urbanas e suburbanas, uma variada gama de formas arquitetônicas.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

II

A situação calamitosa dos vienenses, em 1875, atingiu Hartha, prejudicando comerciantes e industriais, direta e indiretamente.

A firma dos "Irmãos Hering", em Hartha, Saxônia, lutou muito para que a sua casa de varejo e atacado ("Engros & Detail") não fosse levada à ruína.

Firmas menores faliram. E, por não poderem cumprir os seus compromissos, arrastaram muitas outras maiores à perda total.

Foi exatamente nesta época difícil que Weise chegou a Hartha, e, em conversa com uns e outros, acabou por encontrar Hermann Hering, que se interessou pela conversa de Weise sobre a Colônia do Dr. Blumenau e indagou, curioso:

— Mas, Sr. Weise, e o clima da Colônia?

— Clima tropical. Quente no verão, muito frio no inverno, bastante chuvoso e por vezes úmido. Um rio maravilhoso ligando a Colônia ao Oceano Atlântico. Florestas com muita madeira, riachos e ribeirões ricos em quedas d'água. Terra fértil, enfim, um lugar ideal para se viver, trabalhar e progredir.

Sr. Hering, os senhores são descendentes de tecelões, não é?

— Desde os nossos antepassados até nós, sempre trabalhamos como tecelões. Mas, Sr. Weise, o Sr. acha possível, no interior do Brasil, como disse há pouco, em plena mata virgem como é esta sua Colônia, se implantar uma indústria têxtil?

— No Brasil já existe indústria têxtil nos grandes centros, como na Corte e em São Paulo.

— Bem Sr. Weise, em princípio é um caso a ser estudado. Tudo vai depender de uma reunião em família, para que possamos resolver.

Feita essa reunião em família, ficou resolvido que Hermann Hering viajaria para o Brasil, a fim de estudar as possibilidades da Colônia do Dr. Blumenau.

Deixando a sua família com o seu irmão Bruno, seu ex-sócio, embarcou para o Brasil, em 1878.

III

O Dr. Blumenau recebeu Hermann Hering com muita satisfação e tudo fez para que ele começasse a sua vida na Colônia como tecelão.

— Dr. Blumenau, não será fácil tecer sem tear e sem matéria prima!

— Eu sei muito bem, sr. Hermann, mas vamos procurar onde encontrar esses elementos básicos. O que desejo é que o Sr. comece já a pensar em implantar, embora modestamente, uma indústria de tecelagem. E não se desvie deste princípio, que é de suma importância para a nossa Colônia.

— Muito bem Dr. Blumenau, eu preciso porém, sobreviver até que encontremos os nossos teares e a matéria prima, que são os fios. Até lá, para não se consumirem as minhas economias, vou trabalhar como guarda-livros para alguns comerciantes.

— Muito bem, Sr. Hering. Eu vou me corresponder com várias colônias, até encontrar o que necessitamos para tecer. Estamos entendidos, Sr. Hermann?

— Se encontrar tear e fios, já é um bom começo, Dr. Blumenau!

— Vou acabar encontrando, Sr. Hermann!

— O Sr., Dr. Blumenau, é persistente, hein?

— Foi assim teimando, querendo, lutando, que eu consegui realizar o que realizei até aqui em nossa Colônia.

— O que estou vendo e sentindo já é, Dr. Blumenau, uma esplêndida realidade: a sua magnífica Colônia!

— Quer dizer que não está pensando em voltar para a Saxônia, Sr. Hering?

— Não, Dr. Blumenau. Espero aqui ficar definitivamente!

— Já é um bom começo, Sr. Hering.

Mas, as coisas demoraram e Hermann Hering teve que expandir os seus negócios, já que só de escritas não dava para conservar as suas economias. Acabou comprando um botequim e foi lá que o Dr. Blumenau o encontrou, mostrando-lhe radiante uma carta que recebera da Colônia Dona Francisca.

— Veja, Sr. Hermann — disse-lhe Blumenau, contente com a carta na mão — Leia, Sr. Hering. É a oferta de um tear e uma caixa de fios!

Curioso, Hermann Hering leu a carta enquanto o Dr. Blumenau nervoso, o aconselhava:

— Vá, vá logo, Sr. Hering, a Joinville. Eu financio a viagem e até mesmo a compra.

— Calma, Dr. Blumenau. Farei a viagem e vou primeiro examinar o que lhe oferecem. Irei o mais breve possível.

Alguns dias depois, voltava Hermann Hering de Joinville.

— Pronto, Dr. Blumenau, aqui estão o tear e a caixa de fios!

— Ótimo! Ótimo, Sr. Hering!

— Mas, Dr. Blumenau, um tear circular é bem diferente de um simples tear de tecelagem. Há muito ainda a se fazer para chegarmos até lá, Dr. Blumenau.

— Mas, é o começo, Sr. Hering, e todo começo é difícil.

— É claro, Dr. Blumenau, que não vim para a sua Colônia a fim de ficar atrás deste balcão e de braços cruzados assistir ao esgotamento de minhas economias, pouco a pouco, sem reposições. Agora, porém, surgem novos horizontes, novos rumos.

O fato é que aquele tear e aquela caixa de fios, trazidas por Hermann Hering de Joinville, despertaram nele o sangue de seus antepassados, os quais foram, desde o ano de 1686, sem exceções, tecelões e mestres de tecelagem.

Renascia no ânimo do Dr. Blumenau a vontade de transformar Hermann Hering no primeiro tecelão de sua Colônia, já que a sua primeira tentativa, alguns anos atrás, fracassara completamente. Agora revivia no colonizador a forte esperança de ver implantada em sua nascente Colônia, a indústria têxtil, tão necessária ao desenvolvimento industrial diversificado do seu empreendimento.

O Dr. Blumenau, melhor do que ninguém, sabia que em Hermann Hering estava bem viva a velha tradição de seus ancestrais. Todos, sem distinção, foram tecelões ou mestres de tecelagem e malharia, que agora acordava para novos rumos realizadores em terras brasileiras.

E foi assim que, auxiliado por um colono um tanto curioso e experimentado na construção de máquinas, conseguiu, Hermann Hering, montar o tear circular e realizar, sob grande expectativa, as primeiras experiências, com as quais tanto sonhara o colonizador que assistia, nervoso, todo o trabalho.

— Como é, Hermann, vai funcionar?

— Tenho muita esperança, Dr. Blumenau!

Sob sorrisos e muita alegria, o tear funcionou satisfatoriamente!

— Pronto, Dr. Blumenau, aí está o começo de tudo. Podemos tomar uma cerveja para comemorar — disse Hermann Hering, exultando de alegria e satisfação.

— Agora, Sr. Hermann, cabe multiplicar este tear por muitos e muitos outros.

— Sem dúvida, Dr. Blumenau, é o que faremos se a Providência nos ajudar!

Tudo começou a caminhar bem enquanto surgiu a possibilidade de se produzir artigos melhores, Hermann Hering escreveu à esposa, pedindo-lhe para mandar Paul e Elise, seus filhos mais velhos para ajudá-lo.

Triste, a mãe relutava quanto ao esbarque dos filhos. Mas... "este era o sinal de boas notícias", ponderava Bruno Hering, procurando convencer a sua cunhada em consentir no embarque... "Se Hermann, Minna, está pedindo para mandar seus dois filhos mais velhos, é porque ele confia no seu futuro, lá no Brasil, minha querida cunhada".

Depois de muito argumentar, Bruno conseguiu convencer finalmente a sua cunhada.

— Nota bem o que vou te dizer, Minna. Daqui a pouco, somos todos nós que estaremos sendo chamados por Hermann!

As saudades do marido eram muitas. E as proféticas e otimistas palavras de seu bom cunhado, reanimaram-na e ela, pesarosa mas feliz, consentiu em que seu filhos embarcassem.

— Eu sei, Bruno, que se Hermann está pedindo para mandar nossos filhos, é porque confia no seu futuro lá no Brasil! Mas... não

sei se eles, tão jovens, vão se adaptar a esta completa mudança de vida e de clima.

— Veja bem, minha cunhada — dizia-lhe Bruno, animando-a — Paul está com 18 anos e Elise com 14. Ambos são jovens e fortes, com muita saúde. Portanto se adaptarão logo. Hermann não se adaptou? Então o mesmo acontecerá com eles e com maior facilidade.

— Dizem, Bruno, que o custo de vida lá no Brasil é muito alto e o trabalho é muito difícil e penoso.

— Olha, Minna, vou te confessar uma coisa: Eu, até hoje, não pensei em casar por causa dessas ladainhas das mulheres nos ouvidos de seus maridos. E isso desde os tempos de mamãe e papai: “Meu Deus, como tudo está tão caro! Tudo sobe cada vez mais! Não sei como se pode viver com este custo de vida subindo, subindo, sempre e cada vez mais!”. Por ouvir sempre esta mesma ladainha de mamãe, acabei me complexando e tendo pavor do casamento, Minna! E agora você volta a me assustar. Eu acabo mesmo sem nunca me casar!

— É porque você, Bruno, não lida com comidas nem roupas para as crianças. Só vives com os teus livros na mão, lendo o teu Goethe e recitando Fausto. Esta beleza que tu sabes quase toda de cor!

— Obrigado, minha querida. Mas, confessa que está com pena de mandar os teus filhos. Eu bem posso compreender a tua relutância.

— É, sim, — disse ela quase chorando. — Já estou morrendo de saudades de Hermann e agora, quando eles partirem, como vou agüentar tamanha saudade, Bruno?

— Minna, analisemos o caso por outro ângulo, sem sentimentalismo, mas sim, de maneira prática, real e verdadeira:

Se Hermann chamou os seus dois filhos mais velhos, é porque as coisas, para ele, lá no Brasil, começam a melhorar.

Hermann sempre foi muito prudente, responsável e sobretudo humano. Não iria se aventurar a chamar seus filhos se não tivesse certeza de lhes poder dar vida igual ou melhor do que a que eles têm aqui.

Se negares. Minna, atender ao seu pedido, provas que não confias em teu marido!

— Não é nada disto, Bruno! Eu tenho absoluta confiança em Hermann, mas como mãe vou sentir muito a ausência deles, como já o sinto com relação a Hermann.

Bruno insistia e argumentava:

— Tenho absoluta certeza Minna, que logo, logo mesmo, quase em seguida à partida de teus filhos, iremos também, nós, minha querida!

Ela sorriu. Bruno, comovido, viu então que acabara definitivamente de convencê-la. Notou em seus olhos tristes duas lágrimas que desciam pelo rosto. Bruno, ligeiro, tirou o seu lenço enxugando-as. E abraçando-a, disse-lhe, carinhosamente:

— Chora, minha querida: chora à vontade — Desabafa e alivia o teu coração de mãe extraordinária. Minna! Isto te fará bem!

Alguns dias depois, Paul e Elise embarcavam rumo ao Brasil.

IV

Com a chegada dos filhos, Hermann Hering criou alma nova. Tão logo chegaram à Colônia, levou-os para apresentá-los ao Dr. Blumenau.

— Aqui estão, Dr. Blumenau, meus queridos filhos, Elise e Paul!

— Muito prazer em conhecê-los, jovens fortes e bonitos. Então vieram para ajudar o papai, não é?

— É, sim senhor. Viemos para trabalhar com o papai — apressou-se em responder Paul.

Elise, curiosa e pronta para mostrar os seus dotes, disse:

— Eu vou costurar as camisetas que o papai está fabricando!

— Então já é costureira? Muito bem, jovem. Além de bonita, é prendada. Que idade tem, Elise?

— Fiz 14 anos no dia 1º de julho passado, Dr. Blumenau. Mas eu já sei costurar desde os 12 anos. Aprendi com mamãe não só costurar, como também bordar.

— E o jovem, o que estudava?

— Eu estava na Escola de Artífices.

— Ótimo, então será um excelente tecelão como todos os seus antepassados, não é, Paul?

— É, sim senhor, Dr. Blumenau. Eu quero ser o que o meu pai vai ser aqui na sua Colônia.

Hermann Hering, silencioso e feliz, assistia ao diálogo animado de seus filhos com o Dr. Blumenau.

— Bem, Sr. Hermann Hering, já tem o Sr. braços hábeis para o trabalho.

— Hábeis e baratos. Por ora trabalharão apenas pela comida. E, sorrindo, disse para Paul: ou será que vão exigir salários?

Paul olhou para o pai e com um sorriso brejeiro, lhe disse:

— Por enquanto, não! Mas, quando os negócios prosperarem, quero um bom salário, pai!

Elise, ligeira entrou na conversa e olhando carinhosamente para o pai, falou:

— Pois eu vou trabalhar toda a vida sempre de graça para o papai! Hermann Hering abraçou seus filhos, feliz e carinhosamente.

— Muito bem, Hermann, meus parabéns! E para comemorar este feliz encontro, hoje mesmo estão convidados para o jantar, lá em minha casa. Aceitam?

— Fu aceito! — disse Elise, rapidamente.

— Muito obrigado, Dr. Blumenau. É com prazer que aceitamos o seu gentil convite.

— E sua senhora, como está?

— Muito bem! Saudosa e preocupada com o alto custo de vida aqui no Brasil!

— Cus...to de vi...da, alto? Na Alemanha a vida é muitas vezes mais cara do que aqui, Hermann!

— Fu sei, Dr. Blumenau. Mas, sabe como são as mulheres e o fantasma do custo de vida, que as persegue por toda a vida.

Não é bem, Dr. Blumenau, o custo de vida. É mais o medo da longa travessia que a preocupa.

— Tem toda razão, Hermann. Aliás, sejamos justos. Pois, para uma senhora com filhos menores, é, sem dúvida, algo assustador a longa travessia oceânica de muitos e muitos dias.

Algum tempo depois da chegada dos filhos, Hermann Hering, auxiliado por eles nos trabalhos caseiros, sentiu-se encorajado e resolveu chamar toda a família.

V

Em Hartha, a vida corria normal. Sempre com os olhos atentos ao carteiro do bairro, Minna, disfarçadamente, na hora da sua passagem corria para a janela à espera de que ele batesse à porta. E ficava triste quando ele passava direto, dando-lhe apenas um aceno.

Um dia, porém, de longe, o carteiro lhe deu um aceno mais alegre e gesticulava, feliz, com uma carta na mão.

Ela levou a mão ao peito para conter as batidas do seu coração que parecia querer disparar e sorrindo e chorando, abriu a porta para receber o carteiro mais simpático deste mundo!

— Dona Minna! Dona Minna! — Dizia o carteiro quase gritando de tanta satisfação — é do Brasil! Do Sr. Hermann, Dona Minna!

— Obrigado! Muito obrigado, meu jovem!

Com a chegada da carta, um novo raio de sol e de esperança iluminou o lar dos Hering, na longínqua Hertha.

ACONTECEU... Janeiro e Fevereiro de 1982

DIA 5 — Exatamente às 17,40 deste dia, ruiu parte da antiga Ponte do Salto que há muitos anos vinha, servindo para a travessia sobre o rio Itajaí-Açu na altura do bairro Salto do Norte, ligando a Rua Bahia à rua Pomerode. A parte que desabou foi de uma extensão de 30 metros, do lado da rua Bahia. Isto aconteceu quando um caminhão transportando laje pré-fabricada com cerca de 4,5 toneladas, (peso que não era permitido utilizar), tentou atravessar a ponte e desabou com parte da mesma.

DIA 5 — Informações prestadas pelo gabinete do vice-prefeito Ramiro Ruediger, adiantaram que os estímulos econômicos concedidos por Blumenau em 1981, atingiram o total de 32,5 milhões de cruzeiros, entre onze processos dos dezenove apreciados, compreendendo a doação de 15 mil metros quadrados de áreas, no valor de 3,5 milhões, obras de infra-estrutura como drenagem, terraplanagem e aterros no valor de 15 milhões de cruzeiros e ainda isenção do IPTU por cinco anos, no valor de 14 milhões de cruzeiros.

DIA 5 — Neste dia foi inaugurado em Itajaí o Museu Histórico do Município, iniciativa da Fundação Genésio de Miranda Lins e localizado no Palácio Marcos Konder.

DIA 6 — Às 14 horas foi aberta, na Galeria Municipal de Artes, a exposição de obras de arte de crianças chilenas de Valparaíso, como parte do intercâmbio cultural entre Blumenau e aquela cidade, resultado dos encontros dos prefeitos das mesmas cidades.

DIA 8 — Foi aberta, em Camboriú, a Feira Catarinense de Artesanato que teve por local os pavilhões da CITUR.

— DIA 10 — No Bairro Progresso, foi instalada a terceira paróquia católica do subúrbio Garcia, sediando-se esta na antiga capela Santa Isabel, na entrada do aprazível bairro do Jordão.

— DIA 12 — O Diretor do Departamento de Serviços Urbanos do município de Blumenau, sr. Mauro Mello, informou que durante o ano de 1981, o serviço de Limpeza Pública registrou uma evolução na coleta de lixo de 35.278 toneladas, o equivalente a 225.900 toneladas, ou seja 185.800 quilômetros quadrados coletados em 1980.

O sistema de varrição, segundo a informação, atingiu, em 1981, 111.600 quilômetros de ruas varridas, com a média de 372 quilômetros por dia. Tudo isso foi conseguido com nove caminhões coletores-compactadores, dois poli-guindastes para transporte de caçambas estacionárias e 127 garis varredores entre homens e mulheres.

— DIA 16 — Segundo relatório divulgado na imprensa local pelo Serviço Municipal de Trânsito, no ano passado ocorreram 2.334 acidentes, ocasionando 698 feridos e 32 mortes. Os acidentes de maior incidência aconteceram todos na rua 7 de Setembro, com 327 casos. Segue-se em volume, a rua 2 de setembro, com 188 registros. Segundo a informação, a principal causa dos acidentes foi originada por negligência dos motoristas, ou seja, imprudência, que aliás representa sempre 99,1/2% dos acidentes que por aí ocorrem. O meio por cento que resta é para defeitos mecânicos, aliás, muito raros nos tempos atuais.

— DIA 20 — Neste dia, em Blumenau, foi comemorado o Dia do Farmacêutico, reunindo os associados do sindicato de classe num jantar de confraternização na sede do Centro Cultural 25 de Julho.

— DIA 23 — Em Florianópolis, a Secretaria de Transportes interditou a Ponte Hercílio Luz por estar a mesma apresentando perigo de desabar.

— DIA 23 — Neste dia foi demolido antigo casarão situado na esquina da Travessa Ceará com a rua Alvim Schrader, cujo trabalho

foi executado por máquinas e operários da Prefeitura que com isso possibilitou o alargamento da esquina e melhores condições do trânsito naquelas duas ruas.

— DIA 25 — Foi iniciada na prefeitura a distribuição dos carnês do IPTU, cujo pagamento foi desdobrado em seis parcelas e que sofreu um reajuste de 60% sobre o imposto do ano passado. O número de carnês, em 1981, aumentou em cerca de 5.000 em relação ao ano anterior, atingindo, hoje, portanto, cerca de 46 mil.

FEVEREIRO

— DIA 4 — Neste dia foi assinado, pelo prefeito Renato Vianna e um representante da firma construtora Marná Ltda., de Curitiba, contrato para a construção da nova ponte sobre o rio Itajaí Açu, na altura de Salto, para substituir a antiga ponte que ruuiu.

— DIA 5 — No Teatro Carlos Gomes realizou-se a solenidade de abertura da exposição — PABLO-PABLO! — uma interpretação brasileira de Guernica, obra de Picasso.

— DIA 6 — Na sede do Clube de Caca e Tiro Velha Central, foram solenemente e festivamente inauguradas as novas e modernas canchas de bolão daquele clube.

DIA 8 — Neste dia, o prefeito Renato Vianna assinou decreto nomeando novo reitor da FURB o dr. Arlindo Bernart, tendo sido conduzido à vice-reitoria o sr. Bráulio Schloegel, cuja posse ficou marcada para o dia 9 de março.

— DIA 13 — No pavilhão "A" da PROEB realizou-se o Baile do Campeonato de Bochas do Município, promovido pela Secretaria de Turismo, acontecimento que contou com a presença de mais de duas mil pessoas.

— DIA 16 — Informações prestadas pela Secretaria de Saúde e Bem Estar Social da Prefeitura de Blumenau, adiantaram que, pelo levantamento realizado, foi revelado que o coeficiente de mortalidade geral do município é de 6,61 pessoas por mil e o índice de mortalidade infantil é de 37,7 crianças por mil com menos de um ano. Os dados, segundo a informação, revelaram acentuada redução na taxa de mortalidade infantil em Blumenau, com decréscimo de 35 a 40%.

— DIA 21 — Um violento temporal desabado sobre a cidade na tarde deste dia, provocou uma série de prejuízos, como o destelhamento de prédios e residências, além de alagamentos em diversos locais. A tempestade durou 15 minutos e os ventos eram dos mais fortes até hoje conhecidos no município nos últimos anos. Felizmente não houve vítimas.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Continuação do artigo publicado no *Kolonie-Zeitung* de 22.4.1871.

SAMBAQUIS III

Outra observação feita durante as mencionadas pesquisas, é a seguinte: Caso as conchas tivessem sido trazidas pelas águas, ou se os moluscos tivessem morrido no lugar em que viviam, as conchas estariam fechadas, ou se elas se abrissem no momento da morte as duas valvas estariam uma perto da outra — o que não acontece. Raramente as duas partes se encontram uma próxima da outra. Em geral ficam distantes, demonstrando que, na hora da abertura, o consumidor as lançou para o lado. E, finalmente, não se pode conceber como os nossos riachos do Litoral de tão pouco volume, possam ter causado inundações tão violentas, a ponto de acumular montes inteiros, num só local. Se estas observações nos levam à conclusão de que os nossos sambaquis não foram trazidos pelas forças da natureza, mas, ao contrário, devemos à sua formação a seres humanos muito primitivos, quase semelhantes a animais devemos admitir, que aquele povo primitivo escolhia propositadamente lugares fixos ou ilhotas ou pântanos, para suas moradas, a fim de se proteger contra o ataque de animais ferozes ou de seus semelhantes estabelecendo-se exatamente sobre os despejos de suas refeições. É possível também que à medida de sua evolução cada tribo daquele povo primitivo — do mesmo modo como certos indígenas da época atual — tenha construído uma cabana coletiva, de tamanho condizente ao número de moradores sobre estacas no brejo. Neste caso, os selvagens teriam atirado as cascas dos moluscos ingeridos, assim como os ossos de animais ou de algum ser humano devorado para variar, simplesmente para fora da maloca o que explicaria o formato alongado de alguns sambaquis, como por exemplo, o do Morro do Ouro do Schroeder.

Pouco a pouco o monte de cascas crescia até formar verdadeira trincheira que, situada na água, oferecia excelente proteção contra ataques inimigos. O sustento dos habitantes ao longo da costa era o mais fácil do mundo, era só tirar da lama, os moluscos existentes na água salobra e a qualquer hora se arranjava uma farta refeição.

Tudo parece indicar, que os nossos índios atuais não são descendentes daquele povo primitivo tão pobre de espírito e de posses materiais, que nada pôde deixar de herança às gerações posteriores, se não os despojos de suas refeições pois os indígenas brasileiros não se alimentam apenas de moluscos, mas, sim, também da casca. No entanto talvez a cultura trazida pelos europeus tenha influído nos costumes dos povos primitivos, quando foram rechaçados do Litoral para as florestas do interior. É interessante notar que a nossa população brasileira considera os sambaquis como cemitérios de antigos habitantes, on-

de aparecem almas de outro mundo, causando pavor aos transeuntes, durante a noite, a mesma sensação de medo que sentem os agricultores alemães quando passam perto de uma praça de patíbulo ou junto a um cemitério.

A denominação SAMBAQUI pode ter relação com "sam, samb", que na língua tupi significa "aldeia". Segundo a explicação do Conde Baril, num artigo publicado no Diário do Rio, a palavra sambaqui vem de "samb" + "aqui", da língua portuguesa, como se os primeiros colonizadores portugueses tivessem exclamado: "samb-aqui", isto é: "aqui existe uma aldeia".

O Arquivo Histórico de Blumenau foi enriquecido com novos e valiosos documentos

A Fundação Casa Dr. Blumenau recebeu neste mês de março duas doações de real valor histórico, que agora passam a integrar ao acervo do nosso arquivo.

Trata-se de documentos datados de 1872, 1869 e 1870 que tratam da Sociedade de Consumo — estatutos — e outros documentos onde constam assinaturas do Dr. Fritz Müller, August Müller, Louis Sachtleben. Outro documento foi assinado pelo Dr. Blumenau em 1884 quando autoriza o pagamento de Avé-Lallemant pelos seus serviços prestados a Colônia Blumenau. Esta doação foi feita pelo Sr. Jayme Gustavo Grossenbacher.

Outra doação de real valor foi feita pelos familiares de José Bonifácio da Cunha. Nesta doação inclui-se Auto da Entrega do Hospital da extinta Colônia Blumenau, à Sociedade Beneficente de Mútuos Socorros em Enfermidade, nos quais se encontram a assinatura do próprio Dr. Blumenau e outros líderes da Colônia nos idos dos anos 1882, portanto há cem anos, registrados no dia 2 de fevereiro último, Pela importância de que se reveste tal documento, seu teor será transcrito na próxima edição desta revista.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE EDITH GAERTNER

Dia 22 deste mês registrou-se o aniversário de nascimento de Edith Gaertner que, ainda em vida, doou todo seu patrimônio à prefeitura, mais tarde transferido para a Fundação "Casa Dr. Blumenau". O acontecimento foi marcado com duas cerimônias que homenagearam a sua memória: A colocação de uma coroa de flores em seu túmulo no cemitério evangélico e outra coroa ao pé do busto da saudosa figura, localizado no parque botânico que tem seu nome, fundos do Museu da Família Colonial. O clichê mostra flagrantes das duas homenagens, vendo-se ao alto, as flores colocadas no túmulo e abaixo, a coroa de flores ao pé da estátua que tem o busto da homenageada.



FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial.*

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívio Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

20 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

